

Do gibi a gibiteca: origem e gênese de significados historicamente situados

Richardson Santos de Freitas
nanquim@gmail.com

Lorena Tavares de Paula
lorenaltp@gmail.com

Recebido em: 8/11/2022

Aceito em: 06/03/2023

Resumo

A proposta deste artigo é estudar a palavra gibi, através do método histórico, sobre as mudanças de seu significado e sua assimilação social e cultural. Considera-se que esse gênero artístico e fonte de informação para desenvolvimento de coleções especiais prescinde de estudos críticos sobre abordagens teóricas, lexicais e historiográficas para melhor compreensão desses materiais para o desenvolvimento de coleções. Nesta investigação, os primeiros registros foram encontrados em jornais de 1888, pesquisados na Hemeroteca Virtual da Fundação Biblioteca Nacional do Brasil. Constatou-se que inicialmente gibi era um apelido atribuído a pessoas negras. Posteriormente, transformou-se em uma gíria racista direcionada aos meninos negros, possuindo o sentido pejorativo de feio e grotesco, publicados em anúncios e em páginas de quadrinhos de periódicos. Depois a palavra passou a ser usada para designar os meninos negros que vendiam jornais nas ruas. Desses pequenos vendedores surgiu a inspiração para o título da revista Gibi, lançada em 1939 pela editora O Globo. O sucesso de vendas da revista transformou gibi em sinônimo de revista de histórias em quadrinhos no Brasil, fazendo o sentido original cair em desuso. A popularização do termo inspirou as bibliotecas brasileiras a adotarem a denominação de gibiteca para seus acervos de quadrinhos.

Palavras-chave: gibi; menino negro; pequeno jornaleiro; história em quadrinhos; gibiteca

From gibi to gibiteca: origin and genesis of meanings historically situated

Abstract

The purpose of this article is to study the word gibi, through a historical method, about the changes in its meaning and its social and cultural assimilation. It is considered that this artistic genre and source of

information for the development of special collections requires critical studies on theoretical, lexical, and historiographical approaches for a better understanding of these materials for the establishment of collections. In this research, the first records were found in newspapers from 1888, and analyzed in the Virtual Hemeroteca of the Brazilian National Library Foundation. It was found that initially, was a nickname given to black people. Later, it became a racist slur directed at black boys, with the pejorative meaning of ugly and grotesque, published in advertisements and on comic pages and periodicals. Later the word was used to refer to the black boys who sold newspapers on the streets. From these little vendors came the inspiration for the title of the magazine Gibi, launched in 1939 by the publishing house O Globo. The success in sales of the magazine turned gibi into a synonym for comic books in Brazil, and the original meaning fell into disuse. The popularization of the term inspired Brazilian libraries to adopt the name gibiteca for their comic book collections.

Keywords: gibi; black boy; news boy; newsies; comics; gibiteca

1 INTRODUÇÃO

Este artigo tem como objetivo estudar as mudanças de significado da palavra gibi, desde seus primeiros registros até a consolidação do uso do nome gibiteca como espaço de coleções especiais de revistas de histórias em quadrinhos. A proposta é apresentar uma análise historiográfica do significado do termo em sua formulação e assimilação social e cultural.

Deve-se esclarecer que a historiografia é uma metodologia de estudo que procura entender como e por que um conceito e/ou comportamento social foi transformado e interpretado ao longo do tempo. Segundo Odília Fachin (2017, p.38):

O método histórico oferece ainda a possibilidade de análise da organização das sociedades e das instituições, permitindo-nos apreender a dinâmica histórica de sua evolução, sua transformação e seu desaparecimento. Constitui um encadeamento de processos sociais que enseja a investigação dos fenômenos (fatos ou eventos) dentro de uma perspectiva que possibilitará o conhecimento de suas causas e de seus efeitos.

Neste sentido, a questão que orienta este estudo é: quais significações perpassam a definição do conceito de gibi e de gibiteca?

Para responder tal indagação, será apresentado as viradas de significado da palavra gibi entre 1888 e final da década de 1990, através de registros encontrados em jornais e revistas na Biblioteca Virtual da Biblioteca Nacional. Pretendemos demonstrar o seu sentido original de apelido, sua transformação em uma gíria racista, a mudança de sentido ao ser usada para designar os meninos negros que vendiam jornais nas ruas, até chegar ao seu significado atual, impulsionada pelo lançamento da revista Gibi em 1939. Com o sucesso desta publicação da editora O Globo, gibi tornou-se sinônimo de histórias em quadrinhos, que posteriormente seria a inspiração para a nomeação de bibliotecas com coleções especializadas em quadrinhos.

O Brasil, depois de alguma controvérsia inicial sobre a utilização de "estórias" ou "histórias", parece ter consagrado a expressão "histórias em quadrinhos" (normalmente abreviada para "HQ") como a de maior preferência; no entanto, muitos leitores antigos e grande parte dos novos continuam ainda a utilizar o termo gíbi quando se referem às revistas de histórias em quadrinhos de uma maneira geral, reproduzindo uma apropriação linguística semelhante à ocorrida no território espanhol, pois Gíbi foi também uma popular revista de histórias em quadrinhos publicada no país (ANSELMO, 1975; CIRNE, 1990; MOYA, 1996 apud VERGUEIROS, 2005, p.4).

Como fontes de pesquisa foram usados dicionários do acervo das bibliotecas da Faculdade de Ciência da Informação, da Faculdade de Letras e da Biblioteca Universitária da Universidade Federal de Minas Gerais, a Hemeroteca Digital da Fundação Biblioteca Nacional do Brasil e revisão bibliográfica de livros e artigos sobre a história das histórias em quadrinhos.

2 ORIGEM E GÊNESE DA PALAVRA GIBI (GIBY)

A pesquisa iniciou-se pela busca do significado da palavra gíbi nos dicionários encontrados no acervo das Bibliotecas da Faculdade de Ciência da Informação, da Faculdade de Letras e da Biblioteca Universitária da Universidade Federal de Minas Gerais. No Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa de 2010, o termo é definido como um substantivo masculino e um brasileirismo, isto é, próprio do português do Brasil. A palavra é sinônimo de revista em quadrinhos, mas o dicionário também informa que é uma gíria em desuso atribuída a um menino negro:

gíbi. S. m. Bras. 1. Gír. Desus. Meninote preto; negrinho. 2 Nome registrado de determinada revista em quadrinhos, infantojuvenil. 3. P. ext. Qualquer revista em quadrinhos. 4. Publicação interna [...] (FERREIRA, 2010, p. 1030, grifo nosso).

São raros os vestígios do uso de gírias até o fim do século XIX. “[...] com o crescimento das cidades brasileiras, em particular da capital, o Rio de Janeiro, observamos que a gíria começa a fazer parte da linguagem dos grupos sociais [...]” (PRETI, 2001, p. 60). Esse uso coincide com o aumento da circulação de jornais que passam a exercer influência social e política nos centros urbanos.

A gíria é um fenômeno sociolinguístico que constituiu um vocábulo tipicamente oral. Ela é um código que pode pertencer a um grupo social restrito ou transformar-se em um fenômeno que extrapola essa comunidade, tornando-se popular. Segundo Preti (2001, p. 68) os especialistas encontram dificuldade em encontrar a evolução e transformações de sentido referente à língua oral porque a documentação escrita existente é precária e ocasional.

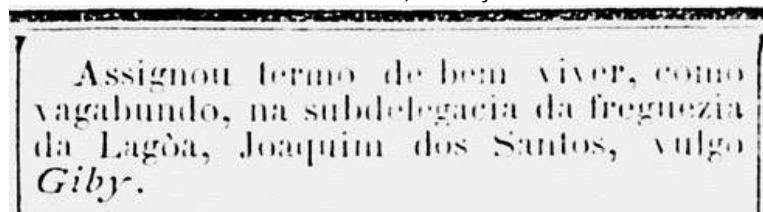
Sabendo da dificuldade de se encontrar a origem da gíria gíbi, buscou-se mapear o seu uso a partir do momento em que ela se tornou popular, incorporada aos textos jornalísticos. A pesquisa partiu da busca pela palavra em jornais e revistas que circularam no Brasil antes de 1939, data de lançamento da revista Gíbi. O objetivo era buscar o termo sendo usado no seu sentido mais antigo. Durante esta pesquisa percebeu-se que gíbi

poderia assumir a forma variante “giby”, que foi incorporada nas buscas. A fonte principal usada foi a Hemeroteca Virtual da Fundação Biblioteca Nacional do Brasil.

2.1 ALCUNHA GIBY / GIBI

A mais antiga menção de giby encontrada por este estudo foi uma matéria da Gazeta da Tarde, periódico que circulou na cidade do Rio de Janeiro em 4 de junho de 1888 (Figura 1). O ano é marcado pela Lei Áurea, assinado em 13 de maio, no processo gradual do fim da escravidão no país. Sem nenhum tipo de compensação ou integração social, os recém-libertados se viram na situação de continuar a trabalhar nas fazendas ou seguir para os grandes centros urbanos em busca de alguma ocupação, onde nem todos conseguiram emprego. Na seção “Pela Polícia” da gazeta está noticiado que “Assignou termo de bem viver, como vagabundo, na subdelegacia da freguezia da Lagoa, Joaquim dos Santos, vulgo Giby” (PELA POLÍCIA, 1888, p.3). Giby aparece como apelido e grafado com a letra y no final. A mesma notícia foi publicada no dia seguinte pelo Diário de Notícias¹ e Newspaper do Commercio², que completou a informação do fato dizendo que Joaquim dos Santos recebeu a pena de três meses de prisão.

Figura 1 - Vulgo Giby assina termo como vagabundo.
Jornal Gazeta da Tarde, 4 de junho de 1888.



Fonte: Fundação Biblioteca Nacional.

O segundo registro foi encontrado na Gazeta de Notícias do Rio de Janeiro, no dia 12 de janeiro de 1890, onde há uma notícia sobre uma agressão atribuída ao “[...] famigerado capoeirista Noberto de Oliveira, conhecido pela alcunha de Giby, autor da navalhada [...]” (MAIS UM, 1890, p. 1). Segundo o relato da gazeta, Giby tinha dado golpes de navalha em um caixeiro da padaria da rua da Lapa. Uma segunda agressão de Giby aconteceu a um indivíduo que passava tranquilamente pela rua, provocando abundante hemorragia. O capoeirista foi detido pelo subdelegado da freguesia da Glória e encaminhado ao chefe de polícia.

Uma nota da Gazeta de Petropolis, de 23 de setembro de 1899, traz a informação sobre o desaparecimento de “[...] uma menor de côr preta de nome Maria, com alcunha de Gibi [...]” (MENOR, 1899, p.3). A falta da menina aconteceu no dia 19, quatro dias antes da publicação. Foi informado que ela tinha 9 anos, era órfã e estava sob os cuidados de um tutor. Quem achasse a menina seria bem gratificado. A nota informava que, caso fosse encontrado o raptor, ele seria punido com as penas da lei. Nesse anúncio há um

¹ RETRATO. Diário de Notícias, Rio de Janeiro, ano 4, n. 1088, p. 2, 5 jun. 1888. Disponível em: <https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=369365&pesq=giby&pasta=ano%201888&hf=memoria.bn.br&pagfis=4416>. Acesso em: 18 jul. 2022.

² GAZETILHA. Jornal do Commercio, Rio de Janeiro, ano 66, n. 156, p. 2, 5 jun. 1888. Disponível em: https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=364568_07&pesq=giby&pasta=ano%201888&hf=memoria.bn.br&pagfis=20429. Acesso em: 18 jul. 2022.

raro uso da palavra gibi atribuída a uma menina e a primeira vez que ela aparece grafada com a letra i.

Diferente de Maria, não foram encontradas descrições físicas ou informações sobre a idade de Joaquim dos Santos e de Norberto de Oliveira. Não há registro nos jornais sobre o destino de Joaquim e Norberto após o período de detenção. Também não foi encontrada notícia se a menina Maria foi localizada.

O que há em comum nas matérias de jornais, que circularam na cidade do Rio de Janeiro entre 1888 e 1890, é o uso de Giby(i) como apelido em três casos diferentes. Dois desses usos vinculados à figura masculina e uma única menção, encontrada durante toda esta pesquisa, voltada para uma menina.

2.2 FEIO COMO UM GIBY

O que era um apelido passou a ser usado como gíria genérica atribuída às crianças negras. No jornal O Rio-Nú, de 11 de janeiro de 1905, há uma ilustração intitulada “De preto a mulato” (Figura 2) onde uma mulher branca amamenta uma criança negra. Na legenda: “Tenho esperança de que farei deste gibi um mulatinho. Desta mistura não pode deixar de sahir café com leite” (DE PRETO, 1905, p. 4).

Figura 2 - Gibi mulatinho

O Rio-Nú, n. 680, de 11 de janeiro de 1905



Fonte: Fundação Biblioteca Nacional.

Nova menção de giby é encontrada em O Tico-Tico. Fundada em 11 de outubro de 1905, a revista foi a primeira direcionada ao público infanto-juvenil, contendo história em quadrinhos, ilustrações, textos e passatempos. Chegou a ter tiragem de 100 mil exemplares por semana³. Para a edição de 2 de maio de 1906, o artista J. Carlos criou a série “O talento do Juquinha”, que passou a ocupar as capas. Juquinha era um menino branco e travesso que a cada edição criava uma traquinagem diferente. Esse atentado garoto ganha um companheiro de aventura em 16 de outubro de 1907. Era Giby, um menino negro retratado de forma estereotipada.

Nobuyoshi Chinen nos diz que a origem do estereótipo dos negros nos desenhos humorísticos pode ser traçada quando artistas brancos dos EUA passaram a encenar

³ FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL. O Tico-Tico. 6 abr. 2015. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/artigos/o-tico-tico/> Acesso em: 22 jul. 2022.

personagens cômicos pintando o rosto de preto, com olhos esbugalhados e lábios exagerados. Em sua pesquisa, o autor cita o estudo de 2003 feito por Michael D. Harris denominado *Colored pictures: Race & visual representation*, que analisou charges e identificou que esse estereótipo passou a ser usado por chargistas, que trouxeram essas expressões exageradas para os seus desenhos em publicações de grandes tiragens. Entre as mais famosas está a série de gravuras da editora Currier e Ives, impressa em 1880 e distribuída para vários países. “[...] essa tradição já existia desde o final da década de 1820, mas o sucesso das gravuras da Currier e Ives foi determinante para popularizar esse tipo de representação humorística dos negros” (CHINEN, 2013, p. 50).

Esse estilo de representação estereotipada pode ser encontrado no Giby de J. Carlos, considerado o primeiro personagem negro a protagonizar uma história em quadrinhos no país. Na primeira aparição, de subtítulo “A ignorância de Giby” (Figura 3), Juquinha se espanta com a cor do garoto ao se deparar com o “[...] moleque mais preto que até hoje tem se visto”. Nessa primeira história descobre-se que o nome do menino é Izidóro Carneiro, o novo copeiro da casa. Giby foi o termo usado por Juquinha para debochar de sua cor e condição social:

- O’ Giby! como te chamas?
 - Izidóro Carneiro, sim sinhô.
 - Carneiro... preto... considerou Juquinha.
Ha de ser burro por força.
- (CUNHA, 1907, p. 1)

Figura 3 - Estreia de Giby, de J. Carlos.
O Tico-Tico, n. 106, de 16 de outubro de 1907.



Fonte: Fundação Biblioteca Nacional.

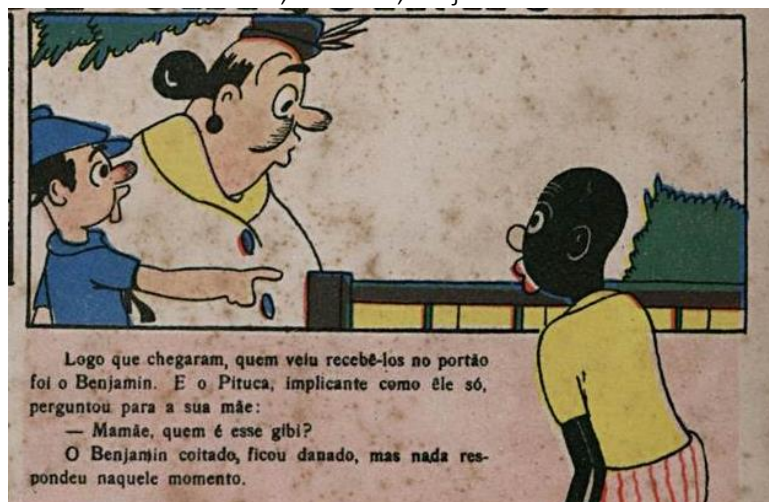
Na edição seguinte de O Tico-Tico, de 23 de outubro, uma nova associação racista da palavra giby pode ser encontrada no anúncio do Sabão Aristolino. A propaganda diz que o produto cura as moléstias da pele dos meninos. Argumenta que, mesmo bem vestidos, se eles não usarem o produto podem ficar com nojo de si mesmo. “Enquanto

eu não usar o Sabão Aristolino não fico bom, e enquanto não ficar bom, posso andar vestido como um príncipe, que serei sempre feio como um giby” (SABÃO ARISTOLINO, 1907, p.13).

Um novo personagem de nome Gibi apareceria nas páginas de O Jornal, em 21 de outubro de 1931. Era a estreia do Suplemento Infantil, que passaria a circular todas as quartas-feiras. Desta vez a dupla era formada por Pirolito e Gibi, criação de Victor. Segundo a descrição do anúncio, “Pirolito é branco. Gibi é preto. Mas apesar disso os dois são amigos inseparáveis de traquinadas” (JORNAL, 1931, p. 1). Pirolito aparecia sempre bem vestido e calçado, enquanto Gibi tinha roupas comuns e andava descalço. Mais uma vez, quem sempre se saía mal no final das aventuras era o garoto negro. O sofrimento do menino durou até que o personagem Pirolito se mudasse, indo estudar em um outro colégio, saindo da história. A partir disso, Gibi ganhou novos amigos, Pedrinho e Eunice, sendo desenhado por outro artista que assinava como Acoua. O estilo de desenho continuou retratando Gibi com traços grosseiros e pés descalços, mas ele deixou de sofrer com as brincadeiras.

Outro registro da palavra pode ser observado em 1943. Nas Aventuras de Chiquinho (Figura 4), desenhada por Luís Gomes Loureiro, o personagem Pituca passeia ao lado de sua mãe em direção à casa de Chiquinho. Chegando lá, depara-se com Benjamin. Ao avistá-lo, Pituca pergunta: “- Mamãe, quem é esse giby?”. O texto continua dizendo que “O Benjamin coitado, ficou danado, mas nada respondeu naquele momento” (LOUREIRO, 1943, p. 40). No final, Benjamin se une a Chiquinho para dar uma lição no garoto malcriado.

Figura 4 - Mamãe, quem é esse giby?
O Tico-Tico, nº 1886, de janeiro de 1934



Fonte: Fundação Biblioteca Nacional.

A disseminação do uso da palavra giby no início do século XX fez com que os dicionários passassem a incorporar a gíria em suas edições. Entre os exemplos, destacamos a definição encontrada no Dicionário Brasileiro Contemporâneo Ilustrado, elaborado por Francisco Fernandes, que traz “gibi. s.m. (bras.) (pop.) Moleque; negrinho; indivíduo feio, grotesco” (FERNANDES, 1965, p. 558, grifo nosso). Confirma-se, pela definição do dicionário e pela forma com que os artistas desenhavam os personagens, que o uso da palavra era empregado de forma racista com o objetivo de discriminar os meninos negros, vinculando sua imagem a pessoas feias e grotescas.

2.3. GIBI: PEQUENO JORNALEIRO NEGRO

O crescimento da mídia impressa contou com a contratação de uma rede de trabalho infantil. Alberto Dines (2013) nos conta que os vendedores de rua surgiram no período da Revolução Francesa, onde crianças anunciavam panfletos e pasquins revolucionários em Paris. Quando os jornais se desenvolvem e passam a imprimir grandes tiragens, era necessário que pessoas circulassem pelas cidades para vender as edições. Em um primeiro momento foi usado vendedores adultos, mas logo se descobriu que crianças podiam fazer esse mesmo trabalho por um custo muito menor.

No Brasil, o uso de vendedores de rua começou quando “Em 1858, A Atualidade contratou escravos e recém-libertos para vender os exemplares e outros jornais copiaram a ideia” (DINES, 2013). Com a vinda de imigrantes para o país a partir de 1875, principalmente os jovens italianos passaram a trabalhar nas redes de distribuição de jornais e com o tempo se tornaram poderosos empresários do setor. Os meninos pobres desta época não tinham acesso às escolas e trabalhavam para ajudar a sua família no sustento da casa. Além disso, havia muitas crianças órfãs e abandonadas. As empresas de jornais usaram dessa condição social para contratar menores para a distribuição de seus exemplares. Essas crianças, em sua maioria do sexo masculino, ficaram conhecidos como os pequenos jornaleiros.

A venda de jornais por esses meninos iniciou um processo de mudança de significado da palavra gibi, que também passou a ser usado para designar especificamente os meninos negros que vendiam jornais e revistas pelos diversos bairros dos centros urbanos.

Em 6 de novembro de 1935, a revista O Tico-Tico publica um texto em formato de uma pequena peça de teatro intitulado “Em tempo de Guerra...”. Escrito por E. Wanderley, a história traz dois meninos negros, vendedores de jornais que comentavam sobre suas vendas e discutem as notícias sobre a guerra da Itália com a África que causam angústia no seu patrão, o imigrante italiano De Bonetti. Na descrição dos personagens a indicação de “Tição e Gibi: pretinhos vendedores de jornais” (WANDERLEY, 1935, p. 14).

As empresas jornalísticas passaram a fazer a defesa desses pequenos trabalhadores porque as imagens dessas entidades estavam interligadas a esses vendedores. Surgem editoriais e textos que ressaltam o trabalho, como o publicado no Correio da Manhã, de 1930. Na crônica intitulada “O Pequeno Jornaleiro”, escrita por Dulce Vaz de Mello, há uma exaltação do trabalhador infantil que leva “a todos os recantos da cidade um pouco de energia, da sua vontade, do seu labor” e que, com sua “vozinha cantante, estridente, infantil”, anuncia as manchetes. A sua vinculação com o menino negro está no trecho em que diz que “Por algum tempo, sua cabecinha negra irrequieta sempre, esteve imóvel” (MELLO, 1930, p. 13). A crônica conta um pouco sobre os sonhos, os amores e as dificuldades do garoto trabalhador.

Entretanto, essas crianças acabaram se tornando um grande desafio social. Por morarem em locais longe do trabalho ou por sua condição de abandono, muitos desses garotos acabavam dormindo nas ruas. Segundo Weinhardt (2017, p. 4), alguns começavam a jornada de trabalho no final da tarde, ficando expostos a riscos, como o perigo de atropelamento ou sofrerem abusos. Esses meninos acabavam entrando em contato com o submundo dos adultos, onde muitos se tornaram usuários de tabaco e de bebidas alcoólicas.

Na busca por melhores condições de vida para esses garotos, surge no Rio de Janeiro a primeira Casa do Pequeno Jornaleiro, em 1938, idealizada pela primeira-dama

do Brasil Darcy Vargas⁴. O trabalho dos pequenos jornalistas perde força quando a rede de bancas de revistas se espalha pelo país, tornando-se o principal ponto de distribuição da produção editorial. A atividade se encerra completamente quando é promulgada a Constituição Federal de 1988, que em seu artigo 7º proíbe “o trabalho noturno, perigoso ou insalubre aos menores de dezoito anos e de qualquer trabalho menores de quatorze anos, salvo na condição de aprendiz”⁵.

2.4. A REVISTA GIBI

Na década de 1930, o diretor do Grupo Globo, Roberto Marinho entrou em uma disputa editorial no segmento de revistas em histórias em quadrinhos. O pesquisador Gonçalves Junior, em seu livro *A Guerra dos Gibis*, relata que Marinho primeiramente descartou a ideia de seu colaborador Adolfo Aizen de criar suplementos dentro do jornal voltados para o público infante-juvenil. Aizen voltava de uma viagem aos Estados Unidos onde conheceu os suplementos que faziam grande sucesso. Na avaliação do diretor do jornal, a proposta de produzir esses suplementos era um investimento de alto risco.

Aizen não desistiu da ideia. Em sociedade com João Alberto Lins de Barros, proprietário do jornal “A Nação”, lança em março de 1934 o Suplemento Infantil. A novidade fez com que a venda do jornal crescesse. Gonçalves (2004, p. 33) informa que “Naqueles dias, a tiragem do jornal passava dos 60 mil exemplares por edição - três vezes a circulação normal do diário antes do caderno”.

Entretanto, devido a uma briga interna com o redator-chefe Maciel Filho que acreditava que uma publicação lida por crianças tirava a credibilidade do jornal, fez com que Aizen fundasse sua própria editora. Segundo relato de Gonçalves, Maciel foi pessoalmente a João Alberto fazer uma queixa:

- João, um jornal não pode ser levado a sério quando é avidamente comprado por crianças. Tenho ouvido piadas na Câmara de que garotos retiraram o Suplemento Infantil e espalham o resto da edição pelas ruas da cidade. Chamam seu jornal de A Nação Infantil (GONÇALO, 2004, p. 33).

João Alberto acabou acatando as argumentações de seu redator-chefe e cancelou os suplementos. Porém, ele tinha planos de continuar apoiando o trabalho dos suplementos. Adolfo Aizen aceitou a proposta de abrir sua própria empresa, com apoio financeiro inicial e uma participação discreta do empresário. Ainda em 1934, era criado o Grande Consórcio de Suplementos Nacionais, que continuaria a publicar os suplementos, apenas fazendo a troca de nome para Suplemento Juvenil para aumentar o público alvo.

O Suplemento Juvenil chegou, segundo apuração de Gonçalves (2004, p. 54), a marca de 200 mil exemplares vendidos por semana já em seu segundo ano de circulação, tornando-se bissetimanal. O sucesso da venda de cerca de 800 mil exemplares mensais chamou atenção e fez com que Roberto Marinho mudasse de opinião. Em 1937, o empresário convidou Aizen para uma reunião para tentar uma parceria. A proposta foi

⁴ FUNDAÇÃO DARCY VARGAS. Nossa história. Disponível em: <https://fdv.org.br/sobre-a-fdv/nossa-historia/>. Acesso em 26 jul. 2022.

⁵ BRASIL. Constituição Federal. Artigo 7 - ~~XXXIII~~. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em 26 jul. 2022.

recusada. Decidido a participar do ramo de vendas de quadrinhos, Marinho lança O Globo Juvenil.

Para entrar de vez na disputa nas bancas, Roberto Marinho prepara para 1939 uma nova publicação. O nome escolhido foi Gibi, inspirado na figura do pequeno jornalista negro que vendia jornais e revistas nas ruas. Em 12 de abril começou a circular a revista que vinha acompanhada de ampla divulgação em todos os canais da empresa. Na capa, ao lado da logo, aparecia o desenho de um menino com cor de pele preta, lábios grossos e olhos esbugalhados, acrescidos de roupas esfarrapadas, suspensórios e andando sempre com os pés descalços, como mostra a Figura 5.

Figura 5 - Personagem que representava o menino negro vendedor de jornal ao lado da logo da revista Gibi.



Fonte: Acervo Jornal O Globo

Na edição número três, a revista publica o conto “Gibi”, escrito por William C. White (Figuras 6 e 7). O conto tinha três páginas e continuaria na próxima edição. A história é sobre um menino conhecido como Gibi, de onze anos, morador da ilha de Tobago, que trabalhava no Francis Drake Hotel. Logo no primeiro parágrafo do texto se lê que “Onde êle arranjava aquele nome, ninguém sabia, mas o certo é que pessoa alguma o chamara de outra maneira”. Segundo análise de Álvaro de Moya, “A impressão que se tem é que pegaram um daqueles contos colonialistas do Império Britânico e incluíram nele o nome de Gibi” (MOYA, 2003, p. 114) para sugerir uma suposta fonte de inspiração para o título da revista. Nobuyoshi Chinen completa:

[...] Mas a história era ambientada na Índia e o tal gibi era um serviçal que, nas ilustrações, assinadas por A. K. MacDonald, não era negro, mas moreno, e usava um turbante típico como o de um faquir. Se essa foi a inspiração para o nome da revista, era incompatível com a figura do menino negro que aparecia na capa desde o primeiro número e que seria eternizado como seu personagem-símbolo (CHINEN, 2010, p. 44)

Figuras 6 e 7 - Páginas do conto Gibi
Gibi, n. 3, 19 de abril de 1939



Fonte: Reprodução de foto de Nobuyoshi Chinen

As vendas da revista Gibi cresceram e fizeram com que o parque gráfico da editora Globo não conseguisse mais comportar a grande demanda de impressão de exemplares. A solução foi fundar, em 1952, a editora Rio Gráfica e Editora (RGE) que se tornaria responsável pelas revistas em quadrinhos e gerenciar outros lançamentos voltados para o público infanto-juvenil. Segundo listagem de publicações da RGE⁶, em 1953 a tiragem de Gibi era de 85 mil revistas por mês. Diante disso, uma nova série, o “Novo Gibi”, quinzenal, alcançava a impressão de 60 mil revistas por edição.

Na edição original d’O Globo, que circulou entre 1939 a 1950, a figura da logo e do menino apareciam sempre da mesma forma. Na RGE, o Novo Gibi trouxe algumas edições onde o menino apareceu vestido em traje de gala. Somente na série Gibi Mensal o personagem deixa de ser apenas uma figura discreta ao lado do título. Essa coleção durou 40 números, indo de 1970 a 1975. A cada edição, Gibi aparecia na capa caracterizado ou interagindo com a temática e personagens da revista. Em duas ocasiões chegou a ser protagonista. No número 15, o menino está lendo a revista Gibi (Figura 8). No último número, surge com cara triste com o fim do título (Figura 9).

⁶ MEMORIAL ROBERTO MARINHO. Roberto Marinho e os gibis. Disponível em: <https://historia.globo.com/memoria-roberto-marinho/documentos/noticia/roberto-marinho-e-os-gibis.ghtml>. Acesso em: 26 jul. 2022.

Figura 8 - Revista Gibi Semanal, nº. 15, de 5 de fevereiro de 1975
Desenho: Walmir Amaral

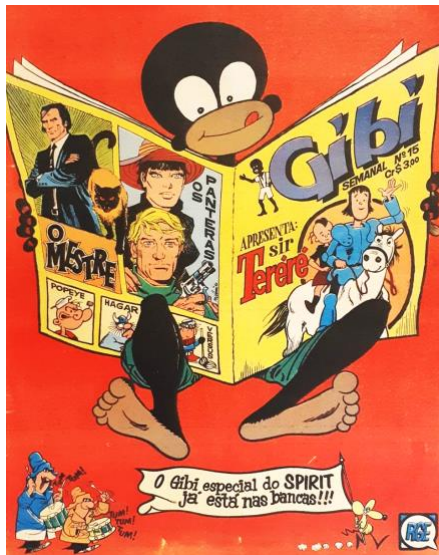


Figura 9 - Revista Gibi Semanal, nº. 40, de 30 de julho de 1975
Desenho: Murilo M. Moutinho (M-III)



Fonte: Acervo pessoal

Ainda na edição número 40, há um anúncio interno da revista, onde novamente podemos ver o menino no seu ofício de vendedor de jornais (Figura 10). O anúncio é sobre a venda de antigas revistas feitas via reembolso postal, por isso na cabeça ele usa um boné dos Correios. Carrega consigo vários exemplares da Gibi e em uma das mãos segura uma placa de preço. Pode-se perceber novamente as roupas esfarrapadas e os pés descalços.


Figura 10 - Gibi vendendo revistas. Arte de Murilo M. Moutinho (M-III)

O MELHOR EM QUADRINHOS EM SUA CASA!

É ISSO AÍ! AS 40 EDIÇÕES DO GIBI SEMANAL À VENDA PELO REEMBOLSO POSTAL. UM MARCO NA HISTÓRIA DAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS. MAIS DE 70 HERÓIS SELECIONADOS ENTRE OS MELHORES DE TODOS OS TEMPOS. OS MELHORES DESENHOS, AS MELHORES AVENTURAS. QUEM GOSTA DE QUADRINHOS NÃO PODE DEIXAR DE TER A COLEÇÃO DO GIBI SEMANAL.

PREENCHA A "CARTA RESPOSTA" AVULSA E AGUARDE EM CASA. (NÃO MANDE CHEQUE OU DINHEIRO, O PAGAMENTO SERÁ FEITO NO ATO DA ENTREGA.)

NÚMEROS AVULSOS.
MAIORES INFORMAÇÕES COM
DEPTO. DE CIRCULAÇÃO
RIO GRÁFICA E EDITORA
RUA ITAPIRU, 1209 - RIO COMPRIDO - RIO DE JANEIRO - RJ
CEP - 20.000



Fonte: Gibi Semanal, nº 40, de 1975. Acervo pessoal.

Entre 1939 a 1970, a força midiática e o sucesso de vendas fizeram com que a palavra gibi fosse assimilada social e culturalmente com outro sentido:

Nessa época, a palavra gibi já havia se transformado em sinônimo para revista de histórias em quadrinhos, o que significava que o título havia

deixado sua marca não apenas na indústria editorial, mas na sociedade brasileira como um todo (WALDOMIRO e SANTOS, 2014, p. 182/183).

A transformação também teve a colaboração de temas polêmicos. Entre eles, os efeitos negativos da leitura de gibis nas crianças passam a ser pauta de pais, educadores, religiosos e políticos brasileiros. Surgiram teorias de que o conteúdo dos gibis era a inspiração para muitos dos crimes cometidos por jovens. No final dos anos 1968, segundo Moya (1986, p. 153), o termo gibi volta com força na expressão “não está no gibi”, trazendo o significado de conhecimento enciclopédico. Todo esse cenário consolidou definitivamente a mudança, fazendo com que a gíria fosse esquecida e caísse em desuso, restando apenas o seu registro histórico nos dicionários.

3 GIBITECA

Por ter sido considerada uma arte menor, pela falta de estudos acadêmicos, o pensamento de que as revistas afastavam as crianças da literatura clássica e surgimento de insinuações de que a leitura influenciava jovens a cometer crimes, o espaço de quadrinhos dentro de unidades de informação demorou a ganhar adesão. Mesmo os bibliotecários entendiam que o material não era adequado para as suas coleções.

Vergueiros (2005, p.4) nos conta que as hqs enfrentaram dificuldades para fazer parte de acervos das bibliotecas públicas, universitárias e escolares. A situação só muda na década de 1970, quando os quadrinhos se tornam objeto de estudo dentro da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP), através de acadêmicos como José Marques de Melo, Álvaro de Moya, Antonio Cagnin, Moacyr Cirne, Sonia Bibe Luyten e Waldomiro Vergueiro. Durante sua pesquisa sobre mangás no Brasil, Sonia Bibe Luyten recebeu o convite da universidade para coordenar uma coleção especial de revistas em quadrinhos japonesas. “Neste período criou-se a primeira mangateca, acervo de revistas de mangá no Museu de Imprensa Júlio de Mesquita Filho” (LUYTEN, 2003, p. 10). Trabalho que culminou em sua tese de doutorado, posteriormente adaptado para virar o livro “Mangá: O poder dos quadrinhos japoneses”.

Em Curitiba, entre os anos 1970 e 1980, havia cenário favorável à produção de quadrinhos que envolvia artistas independentes, a criação da editora Grafipar, a publicação da revista Gibiteca e leitores entusiastas das hqs. Surgiu ali a ideia de se criar uma biblioteca de gibis, que ganhou respaldo nas políticas públicas voltadas para a juventude da cidade. O projeto foi viabilizado em 1982, sendo escolhido como local de instalação uma das salas da Galeria Schaffer. A denominação do espaço foi escolhida a partir da junção do termo popular para revistas em quadrinhos e biblioteca (gibi + biblioteca), surgindo a Gibiteca de Curitiba. A escolha também deveu-se ao fato de ser um nome curto, fácil e simpático. Entretanto,

Ainda que o termo “gibi” seja amplamente difundido no Brasil para se referir a esta mídia, a nomenclatura muitas vezes não é bem vista, sendo utilizados termos com histórias em quadrinhos e suas variáveis, ou o equivalente em inglês comics. Imaguire Junior, sobre isso, afirma que se tinha em mente o fato do termo ser pejorativo, mas naquele momento as bibliotecas pessoais de quadrinhos já eram chamadas de gibiteca, de forma que o termo estava em uso corrente. (DOBRYCHTOP, 2022, p. 77).

O estudo de Guilherme I. Dobrychtop, revela que um dos idealizadores da gibiteca, Imaguire Junior, ponderou sobre a questão pejorativa da palavra gibi. Porém, esta preocupação estava ligada ao sentido de revista em quadrinhos e a sua relação ainda não muito bem valorizada pela sociedade na época.

A partir da instalação dessa instituição em Curitiba, o nome gibiteca passou a ser referência para as outras unidades informacionais que começaram a surgir no Brasil. A Gibiteca Henfil em São Paulo (1991), a Gibiteca Antonio Roque Gobbo em Belo Horizonte (1992), a Gibiteca Municipal de Santos (1992), a Gibiteca de Belém do Pará (1993), a Gibiteca Jorge Braga de Goiânia (1994) e a Gibiteca de Fortaleza (2006) são algumas das instituições que adoram gibiteca como nome oficial de seus espaços dedicados à preservação, organização, leitura, difusão e formação de público leitor de história em quadrinhos.

4 CONCLUSÃO

Os primeiros registros pesquisados sobre a palavra gibi(y) demonstram seu uso como um apelido, que depois assume a forma de uma gíria racista atribuída às crianças negras. Os periódicos onde foram encontrados o termo circulavam no Rio de Janeiro. Entretanto, não se pode afirmar que a origem surgiu na cidade. Apenas pode-se perceber a sua utilização a partir de 1888 na capital do Brasil da época.

Encontramos registros do emprego da palavra de forma preconceituosa em textos, anúncios e páginas dedicadas às histórias em quadrinhos. A figura do menino negro era vinculada a imagem estereotipada, sendo sempre retratado com traços feios e grotescos. A disseminação do seu uso e significado pejorativo foi registrado nos dicionários, como no elaborado por Francisco Fernandes, edição de 1965.

Gibi começa a mudar de sentido a partir do interesse comercial das grandes empresas jornalísticas. A primeira transformação acontece quando o termo passa a definir os pequenos vendedores negros de jornais e revistas nas ruas. Textos e editoriais defendiam esses gibis, porque as imagens dessas entidades estavam interligadas a esses vendedores e ao seu público leitor. O melhoramento do significado alcança o seu auge quando O Globo se inspira nesses pequenos vendedores para dar nome a sua segunda publicação de hqs. A partir do lucrativo sucesso da revista, o grupo usa todo o seu poder midiático para consolidar-se no mercado editorial e criar uma defesa contra os opositores que acreditavam que as revistas em quadrinhos eram uma má influência para as crianças. O que era uma publicação específica, entrou no imaginário das pessoas, transformando-se em sinônimo de todas revistas em quadrinhos brasileiros. Deu origem a frase “não está no gibi”. E, por fim, faz cair em desuso o sentido original. Os dicionários atuais eliminaram o significado de feio e grotesco, mantendo a definição de gíria em desuso de menino preto e negrinho.

As histórias em quadrinhos passaram a ser valorizadas dentro das bibliotecas a partir do grupo de pesquisa que se formou na ECA/USP na década de 1970, surgindo o primeiro espaço de acervo especial de quadrinhos do Brasil, denominado mangateca. Dissociado do sentido racista, gibi serviu de inspiração para designar as unidades de informação que possuem coleções de quadrinhos, surgindo a denominação gibiteca (gibi + biblioteca). A Gibiteca de Curitiba foi a primeira a usar o nome, em 1982, que se tornou padrão de uso em outras coleções em todo o país.

Apesar de atualmente gibi estar totalmente em desuso de seu sentido original racista, os estudos sobre quadrinhos e gibitecas não exploram o passado da palavra. Este

trabalho trouxe documentação e uma visão crítica sobre abordagens teóricas, lexicais e historiográficas do termo para melhor compreensão desses materiais para o desenvolvimento de coleções.

REFERENCIAS

CHINEN, Nobuyoshi. A história do Gibi in Gibi: a Revistas Sinônimo de Quadrinhos. São Paulo: Via Lettera, 2010.

CHINEN, Nobuyoshi. O papel do negro e o negro no papel: representação e representatividade dos afrodescendentes nos quadrinhos brasileiros. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) - Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, 2013. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27154/tde-21082013-155848/publico/Nobuyoshi.pdf>. Acesso em: 25 jul. 2022.

CUNHA, José Carlos de Brito e. O Talento de Juquinha: A ignorância do Giby. O Tico-Tico, Rio de Janeiro, ano 3, n. 106, p. 13, 16 out. 1907. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DOCREADER/DOCREADER.ASPX?BIB=153079&pagfis=1380>. Acesso em: 22 jul. 2022.

DE PRETO a mula. O Rio-Nú, Rio de Janeiro, ano 7, n. 680, p. 4, 11 jan. 1905. Disponível em: <https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=706736 & pesq= gibi & pasta=ano%20190 & hf= memoria.bn.br & pagfis=2625>. Acesso em: 8 ago. 2022.

DINES, Alberto. Os pequenos jornalheiros. Observatório da Imprensa. 26 set. 2013. Disponível em: <https://www.observatoriodaimprensa.com.br/feitos-desfeitos/os-pequenos-arautos-da-noticia>. Acesso em: 28 jul. 2022.

DOBRYCHTOP, Guilherme leger. Um festival Imóvel: a Gibiteca de Curitiba na cultura de histórias em quadrinhos (1982-1997). 2022. Tese (Doutorado em História) - Setor de Ciências Humanas, Universidade Federal do Paraná, Paraná, 2022. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/79392/R%20-%20T%20-%20GUILHERME%20IEGER%20DOBRYCHTOP.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 28 out. 2022.

FACHIN, Odília. Fundamentos de metodologia. 6. ed. São Paulo: Saraiva, 2017.

FERNANDES, Francisco. Dicionário Brasileiro Contemporâneo: Ilustrado II. 2. ed.; 3. impr. Porto Alegre: Edições Melhoramentos, 1965.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Dicionário Aurélio da língua portuguesa. 5. ed. Curitiba: Positivo, 2010.

GONÇALO JUNIOR. A Guerra dos Gibis: A formação do mercado editorial brasileiro e a censura aos quadrinhos, 1933-64. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

JORNAL das Crianças. O Jornal, Rio de Janeiro, ano 1, n. 3975, p. 17, 21 out. 1931.

Disponível em:

[https://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=110523_03 & pasta=ano%20193 & pesq= gibi & pagfis=10302](https://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=110523_03&pasta=ano%20193&pesq=gibi&pagfis=10302). Acesso em: 19 ago. 2022.

LOUREIRO, Luís Gomes. Aventuras de Chiquinho. O Tico-Tico, Rio de Janeiro, Ano 38, n. 1886, p. 40, jan. 1943. Disponível em:

<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=153079&pesq=gibi&pasta=ano%20193&hf=memoria.bn.br&pagfis=47029>. Acesso em: 26 jul. 2022.

LUYTEN, Sonia M. Bibe. Mangá produzido no Brasil: pioneirismo, experimentação e produção. INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – BH/MG – 2 a 6 Set 2003. Disponível em:

<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/168852646868454336879017132244134098721.pdf> Acesso em 3 jul. 2022.

MAIS UM. Gazeta de Noticias, Rio de Janeiro, ano 16, n. 12, p. 1, 12 jan. 1890.

Disponível em:

[https://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=103730_03&pasta=ano%20189 & pesq=giby&pagfis=51](https://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=103730_03&pasta=ano%20189&pesq=giby&pagfis=51). Acesso em: 24 jul. 2022.

MELLO, Dulce Vaz de. O pequeno jornaleiro. Correio da Manhã, Rio de Janeiro, Ano 29, n. 10803, p. 13, 15 mar. 1930. Disponível em:

https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=089842_04&pagfis=1076. Acesso em 27 out. 2022.

MENOR desaparecida. Gazeta de Petropolis, Petropolis, Ano 9, n. 114, p. 3, 23 set. 1899. Disponível em:

[https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=304808 & pesq=menor%20desaparecida & pasta=ano%20189 & hf= memoria.bn.br & pagfis=3757](https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=304808&pesq=menor%20desaparecida&pasta=ano%20189&hf=memoria.bn.br&pagfis=3757). Acesso em: 24 jul. 2022.

MOYA, Álvaro de. História da história em quadrinhos. Porto Alegre: L&P, 1986.

_____. Vapt-Vupt. São Paulo: Clemente & Gramani Editora, 2003.

PELA POLÍCIA. Gazeta da Tarde, Rio de Janeiro, ano 9, n. 125, p. 3, 4 jun. 1888.

Disponível em: [https://memoria.bn.br/DOCREADER/docreader.aspx?BIB=226688 & pagfis=8523](https://memoria.bn.br/DOCREADER/docreader.aspx?BIB=226688&pagfis=8523) Acesso em: 18 jul. 2022.

PRETI, Dino. Dicionários de gíria. ALFA: Revista de Linguística, São Paulo, v. 44, 2001.

Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/4199>. Acesso em: 2 ago. 2022.

SABÃO ARISTOLINO. O Tico-Tico, Rio de Janeiro, Ano 3, n. 107, p. 13, 23 out. 1907.

Disponível em:

<https://memoria.bn.br/DOCREADER/DOCREADER.ASPX?BIB=153079&pagfis=1408>.

Acesso em: 18 jul. 2022.

VERGUEIRO, Waldomiro C. S. Histórias em quadrinhos e serviços de informação: um relacionamento em fase de definição. *DataGramaZero*, v. 6, n. 2. , 2005. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/5643> Acesso em: 22 jul. 2022.

VERGUEIRO, Waldomiro C. S; SANTOS, Roberto Elísio dos. A revista Gibi e a consolidação do mercado editorial de quadrinhos no Brasil. *MATRIZES*, [S. l.], v. 8, n. 2; jul./dez, 2014. São Paulo. p. 175-190. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v8i2p175-190>. Acesso em: 20 jul. 2022.

WANDERLEY, E. Em tempo de guerra... O Tico-Tico, Rio de Janeiro, Ano 32, n. 1570, p. 14, 6 nov. 1935. Disponível em: <https://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=153079&pesq=gibi&pagfis=38066>. Acesso em: 8 ago 2022.

WEINHARDT, Otávio Augusto Ganzert. Trabalho, Infância e Controle a partir dos Meninos Jornaleiros em Curitiba (passagem do século XIX ao XX). 2017. Anais do XXIX Simpósio Nacional de História - contra os preconceitos: história e democracia. Brasília, Universidade de Brasília, 2017. Disponível em: https://www.snh2017.anpuh.org/resources/anais/54/1502851261_ARQUIVO_Meninosjornaleiros.pdf. Acesso em: 26 out. 2022.